

e-books
NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Um Passeio pela História do

Liberalismo

4



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Gomes, Ricardo

Um Passeio Pela História do Liberalismo: aula 4

ISBN:

1. Economia 2. Liberalismo

CDD 330

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Em nosso passeio pela história do liberalismo, chegamos ao movimento de independência das colônias da América Espanhola. Nesta oportunidade, iremos entender quais foram os acontecimentos e as ideias que nortearam as declarações de independência desses países e por que estes compõem um ponto importante na história do liberalismo.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste e-book, espera-se que você saiba: as causas para a independência dos países da América espanhola; quais foram os personagens fundamentais das independências; por que esses acontecimentos são um ponto importante na história do liberalismo.

INTRODUÇÃO

Sempre que falamos acerca de impérios, especialmente os existentes nos séculos 16, 17 e 18, falta, no imaginário brasileiro, um pedaço importante dessa história, que é o império espanhol. Via de regra, no Brasil, estuda-se muito pouco a história da Espanha e da colonização espanhola no continente. O que aprendemos, como sói acontecer com o estudo de história, normalmente nos leva para uma visão de luta de classes e de exploração do continente. Contam-nos, basicamente, que as colônias do norte eram colônias de povoamento. Isso expressa que, quando a Inglaterra colonizou a América do Norte, colonizou-a com o objetivo de povoar e de levar sua cultura e história para outra parte do mundo. Ainda, somos ensinados que as colônias da América do Sul, América espanhola e a América Portuguesa, eram colônias de exploração.

Hoje, o nosso tema é o processo de independência dos países da América espanhola. Para isso, será necessário que mergulhemos um pouco na história da Espanha e no que aconteceu na América, a fim de que possamos entender o momento que trouxe até a independência desses países da América espanhola. Também é fundamental para entender por que isso é, sim, um momento histórico do liberalismo, embora os países partícipes desse processo não tenham se tornado unanimemente liberais, ou nações com garantias constitucionais suficientes para afirmar que adotaram o liberalismo. De forma nenhuma podemos declarar isso. No

entanto, conforme dito, o momento histórico das independências é um momento importante na história do liberalismo.

As diferentes colonizações

John Elliott, no livro “Empires of the Atlantic World - *Britain and Spain in America 1492-1830*”, narra o processo de colonização britânico e o processo de colonização espanhol nas Américas. Sabemos que Cristóvão Colombo, a mando dos espanhóis, chegou à América, mais especificamente, nas ilhas do Caribe, em 1492. Os ingleses, por outro lado, chegaram na América apenas em 1620. Há 130 anos separando esses dois eventos. Elliott ignora essa diferença no tempo, relatando e, simultaneamente, equiparando, aspectos do processo de colonização empreendido pelos dois países. Assim, em um tópico, Elliott aborda o tema viagem, narrando como esta foi realizada pelos espanhóis e pelos ingleses. Depois, versa acerca da conquista do território, explicando como os espanhóis tomaram o território e como os ingleses realizaram essa mesma atividade. Ele também trata de como foi o encontro com os povos indígenas para ambos países, os recursos disponíveis nas terras encontradas, etc.. Ressalto isso porque Elliott mostra como o determinante não foi o fato de os ingleses não terem interesse de explorar os recursos naturais das suas colônias. Eles evidentemente tinham. O sonho do ouro e da prata estava presente no ideário da colonização inglesa. É verdade que não com a mesma força que a colonização espanhola, mas estava presente, e se os ingleses tivessem achado ouro e prata, teriam explorado os minérios tal como os espanhóis e portugueses fizeram. Acontece que não encontraram, pois a colonização inglesa ocorreu primeiro na costa leste americana, que não apresentava esses metais. Isto foi encontrado somente no século 19, de 1830 em diante, na Califórnia, na corrida do *far east*, a conquista do oeste, a corrida do ouro em direção ao oeste.

Além de não acharem ouro e prata ao chegarem no que hoje são os Estados Unidos, os ingleses também não encontraram um grande império indígena, como Cortés encontrou no México. Cortés chegou em Chalchicuecan, venceu Moctezuma e, ao matá-lo, tomou seu lugar como imperador do México. A conquista estava encaminhada, pois, ao vencer Moctezuma, Cortés se tornou o imperador ao qual os povos indígenas deviam obediência. Os ingleses, por outro lado, encontraram uma série de tribos descentralizadas, sem um império, sem uma unidade política. É preciso

vencer tribo a tribo, enfrentar os indígenas passo a passo. Esses aspectos marcam o início das diferenças entre as colonizações.

Existe uma tendência a pensarmos nas diferenças a partir das metrópoles, de Sevilha e de Londres. Contudo, há diferenças no próprio território e no que foi encontrado, as quais concorreram para determinar o futuro dos dois impérios.

Há, igualmente, uma diferença significativa em termos de como se organizaram administrativa e politicamente as colônias. Ou seja, não estou afirmando que, excetuando-se as questões peculiares ao território colonial, era tudo igual. As colônias inglesas, os Estados Unidos, usufruíam de um grau de liberdade e de independência muito maior do que as colônias espanholas.

A Espanha se apossou do continente quando apresentava uma unidade muito próxima entre religião e Estado. Havia os jesuítas, especialmente no sul da América, e os dominicanos, no norte, como ordens religiosas. O Estado possuía apoio da Igreja, e tomou parte importante na catequização e na colonização. Como forma de justificar a escravização do trabalho indígena, estabeleceu-se o sistema de *encomiendas*, através do qual os índios, em troca da catequese, pagavam impostos e trabalhavam. Os espanhóis montaram um imenso império que abrangia desde o México e Buenos Aires, até a La Florida, a atual Flórida, e, por bastante tempo, a Louisiana, que fica no sul dos Estados Unidos.

Durante toda a construção do império espanhol, do mesmo modo como ocorreu nos Estados Unidos, os eventos políticos da Espanha refletiam em suas colônias. Essa dominação durou quase trezentos anos, do dia 12 de outubro de 1492, quando Cristóvão Colombo desembarca, até os anos de 1830, quando a maioria dos países da América espanhola se declarou independente.

Há uma grande diferença na Espanha, a qual marcou a experiência colonizadora, que é fundamental para compreender o processo de independência. O modelo espanhol nunca foi de autogoverno, porque a Coroa espanhola sempre teve muito poder sobre os povos do continente. A fim de governar o continente, formou-se uma estrutura política chamada de Vice-Reinados. Havia o Vice-Reinado de Nova Espanha, no México, o Vice-Reinado da Nova Granada, na América Central, o Vice-Reinado do Peru, o mais rico de todos, de onde afluíram a maior parte do ouro e da prata. Somente mais tarde, constituiu-se o Vice-Reinado de La Plata, que englobava o que atualmente são a Argentina e o Uruguai. O sul do Chile não chegou a se tornar

um Vice-Reinado, sendo sempre uma Capitania Geral, as quais também foram estabelecidas nas Ilhas do Caribe, em Cuba e na Guatemala.

A AMÉRICA ESPANHOLA NO SÉCULO XVIII



Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique*. Paris: Larousse, 1987. p. 282.

Na América espanhola, jamais houve um experimento de autogoverno como o inglês, embora houvesse certa liberdade política para os *crioulos*, que são os filhos de espanhóis. Quando os espanhóis que chegaram, ocuparam e colonizaram o território começam a morrer, são sucedidos por seus filhos. Com isso, formou-se essa classe que não eram espanhóis e tampouco nativos da América Latina. Essa classe compõem a elite política, a qual, posteriormente, pressionou pelos movimentos de independência.

Crioulos e o estabelecimento da elite colonial

É importante mencionar que, ainda que as colônias espanholas nunca tenha tido um verdadeiro experimento de autogoverno, com assembleias do povo, assim como existia nas colônias americanas, naquelas, essa classe dos filhos dos espanhóis, os *crioulos*, usufruía de algum grau de liberdade política. Ou seja, a América espanhola possuía elementos de autogoverno. Posteriormente, a palavra *crioulo* foi deturpada, principalmente no Brasil. Contudo, faz referência a essa elite dos filhos de espanhóis que nasceram no continente. Os *crioulos* dominavam os juizados e juízes do povo. Embora aplicassem o direito espanhol, os *crioulos* eram pessoas que nasceram e viveram nas colônias. Somavam-se mais de 150 *alcaldes* maiores, unidades administrativas descentralizadas, que estavam espalhados pelo continente.

No princípio, no momento da conquista, os altos postos da burocracia espanhola eram exclusivos dos espanhóis nascidos na Espanha. Foi depois de um tempo que começaram a ser acessíveis também para os *crioulos*. Esse era um movimento de uma lenta reforma constitucional a caminho de um autogoverno, de forma muito atrasada em relação ao mundo inglês, especialmente no momento do qual estamos tratando. No início da colonização, não, mas, a partir de 1688, a Inglaterra é uma monarquia constitucional plena, ao passo em que a monarquia espanhola, não.

A descentralização do poder

Existe um elemento-chave para entender o que aconteceu na colonização da América espanhola. Esse elemento-chave é a morte de Carlos II da Espanha. Para fins de contextualização, haviam morrido os reis católicos, Fernando e Isabel, os quais fizeram a conquista da América, deixando como herdeira a filha Joana, a Louca, que

era louca. Joana, a louca, não assumiu o trono ou chegou a reinar, mas seu marido, rei Filipe, reina em seu lugar. O Rei Filipe, da Casa de Habsburgo, família real da Áustria, extremamente poderosa na Europa e extremamente ilustrada, era filho de Maximiliano I, imperador do Sacro-império Romano-Germânico. Filipe e Joana têm um filho, chamado Carlos, que é o herdeiro da Espanha. Quando eles morrem, Carlos I, seu filho, torna-se o primeiro rei da Espanha da Casa de Habsburgo. Esta promove uma lenta e gradual descentralização do poder na Espanha e nas colônias. Ocorre uma certa divisão de poderes na sociedade e um certo distanciamento entre Igreja e Estado. As cortes ganham mais liberdade, ainda que de forma gradual e rudimentar. Contudo, era uma monarquia que dava os primeiros passos, estava a caminho, para se tornar uma monarquia constitucional, assim como se tornaram os Habsburgos mais tarde. Carlos I, Filipe II, Filipe III, Filipe IV e Carlos II são os reis espanhóis que pertenciam à Casa Habsburgo.

A volta do poder concentrado

Carlos II morreu no ano de 1700. Sua filha, Maria Teresa, era casada com um herdeiro da família real francesa. Deste modo, finda a dinastia de Habsburgo na Espanha e tem início a dinastia Bourbon. Os reis borbônicos, assim como na França, eram reis absolutistas. Consequentemente, a partir do ano 1700, há um retrocesso no processo de modernização constitucional espanhola. Alguns direitos dos *crioulos*, nas colônias, são cassados. Isso termina provocando uma recentralização do poder, nas colônias, nas mãos do rei da Espanha. Por isso, a morte de Carlos II é fundamental, pois é um momento para transformação que, cem anos mais tarde, resultaria na independência das colônias.

Gálvez, ministro de Carlos III, foi o responsável por promover as reformas que produziram essa reconcentração. A primeira delas é o fim da posição de *alcaldes* maiores. Todas foram extintas. Cento e cinquenta líderes locais perderam o poder em nome de algumas posições centralizadas. Entre 1765 e 1771, Gálvez provocou alarme. Em conjunto com a expulsão dos jesuítas, suas atitudes e comportamentos proveram evidências eloquentes do novo espírito que prevalecia em Madrid, o espírito borbônico. Gálvez veio com um claro mandato de reforma para as colônias. A reforma incluía planos de profundas mudanças administrativas que, efetivamente, poriam um fim ao governo dos *crioulos* de seus próprios negócios.

Todos os altos cargos da Coroa voltaram a ser ocupados exclusivamente por espanhóis de nascimento, sendo a elite local, os *crioulos*, expulsos dessas posições. Isso derivava de um posicionamento de Gálvez e de Godoy, que era outro ministro espanhol, de que deveria haver uma única Espanha, como havia uma única França. Existir uma única Espanha significava, em tese, que o governo, nas colônias, deveria ser um e o mesmo com o governo do território espanhol na península ibérica. A proposta era de que isso só seria possível se altos cargos nas colônias fossem ocupados somente por espanhóis de nascimento, trasladando, para o continente americano, altos cargos espanhóis. Teoricamente, os *crioulos* poderiam ocupar altos cargos na Espanha, como se fosse um intercâmbio de altas posições e altos cargos. Acontece que altos cargos, nas colônias, foram ocupados por espanhóis de nascimento, mas o contrário nunca aconteceu. Essas reformas, que ocorreram a partir de 1760, fizeram com que a elite local se sentisse desprestigiada. Próximo a esse período, há um movimento definidor no continente: a Revolução Americana.

Há uma frase proferida pelo Vice-Rei da Nova Espanha, no México, quando faz um discurso, que expressa claramente a forma de pensar de um governo absolutista. Ele disse: “os sujeitos desse grande monarca [referindo-se a Carlos III], que ocupa o trono da Espanha, devem saber, de uma vez por todas, que nasceram para se manterem silentes e obedientes e não discutir ou expressar opiniões sobre as altas questões de governo”. Lembrem-se que os Bourbons defendiam que a autoridade do governo vinha única e exclusivamente de Deus. Instaurou-se, na Espanha, uma monarquia absolutista que contaminou o governo das colônias. Sublinho isto pois, lá na frente, a libertação deste modelo de monarquia absolutista, que reinou até 1814, foi fundamental. Com isso, explico por que considero, como Carlos Sabino considera também, o movimento de independência da América Latina o amanhecer da liberdade no continente. A título de comparação, na Inglaterra, em 1688, já havia um modelo de monarquia constitucional, com a soberania residindo no parlamento, em que estava posto o conceito de que o poder do rei deriva do consenso dos governados e não de Deus. Portanto, tratamos de dois modelos opostos de monarquia.

A Revolução Americana e seus dois efeitos no continente

Chegamos a 1776. As colônias inglesas se libertam e se tornam os Estados Unidos da América. Isso produz dois efeitos primordiais para a América Latina. O

primeiro efeito ou consequência é a disseminação de um ideário de liberdade e dos conceitos iluministas de um governo racional, baseado na razão. Espalha-se a concepção da soberania derivada do povo e não de Deus. Há conceitos de retomada democrática, afim com os gregos. Conceitos iluministas, de liberdade e de direitos individuais, que se propagam pelo continente. Esse é o efeito que fez com que Francisco de Miranda, primeiro prócer das independências, muito cedo, ainda nos anos 1700, tentasse revoltas de independência na Venezuela. Curioso, igualmente, que o primeiro país a seguir as ideias norte-americanas de liberdade tenha sido a Venezuela. Novamente, isso ressalta que não estou afirmando que, após as independências, houve adoção do liberalismo. Afirmo que foram as ideias deste pensamento político que promoveram a independência.

Francisco de Miranda, apesar de ser um dos mais esquecidos dos grandes libertadores da América, para mim, é um dos homens mais emblemáticos do século no continente. Aliás, hoje, a menção “libertadores da América” nos remete, imediatamente, ao torneio de futebol. Não pensamos no significado da expressão que é, justamente, uma homenagem a essa geração de líderes que fizeram a libertação dos países do jugo espanhol. Francisco de Miranda era venezuelano, nascido em Caracas. Educado, recebeu uma educação europeia, tendo finalizado seus estudos neste continente. Em Londres, tornou-se bacharel, embora haja dúvidas se chegou a obter o título de médico. Após voltar à Venezuela, viajou aos Estados Unidos, onde conheceu John Adams, George Washington e Thomas Jefferson. Depois, foi novamente à Londres, e se reuniu com Arthur Wellesley, Duque de Wellington, que viria a vencer Napoleão na Batalha de Waterloo. Francisco de Miranda também foi à Rússia, e conta-se que teve um caso com Catarina, a Grande, tendo sido apresentado a ela pelo ministro russo Potemkin. Posteriormente, Miranda foi expulso da Rússia por Potemkin, que estava enciumado de seu romance com Catarina. De lá, partiu para França, juntando-se aos exércitos na Revolução Francesa, na qual lutou. Voltou, então, para a Venezuela, a fim de fazer a primeira batalha de independência. A vida desse sujeito, de 1780 a 1795, é, talvez, a do latino-americano que melhor tenha vivido, em primeira pessoa, essa transformação que a Europa, especialmente, viveu. Essas ideias que vieram da Revolução Americana tocaram fundo em Francisco de Miranda. Ademais, Miranda simboliza outro aspecto no continente, que é o fato dessa

elite perceber a Revolução Americana e a Revolução Francesa como duas pérolas do mesmo ser¹.

Além da mudança de ideias, a Revolução Americana também produziu um segundo efeito, que foi a guerra da Espanha com a Grã-Bretanha, uma vez que a Espanha, assim como a França, ajudou os Estados Unidos na sua guerra de independência. A Inglaterra, que perdeu as colônias, declarou guerra à Espanha. A Espanha gastou muito dinheiro, e se endividou muito, lutando contra a Grã-Bretanha. Nesse momento, a Espanha tinha uma grande aliada chamada França. Até que acontece a Revolução Francesa. Quando esta eclode, há uma grande ameaça, pois o rei da Espanha é um rei Bourbon, descendente dos Bourbons da França. Em alguma instância, mais acima, em sua árvore genealógica, também era herdeiro do trono francês.

Eu trouxe uma exposição que Floridablanca, ministro do Carlos III, fez ao rei, no Conselho, para lhe dar uma ideia sucinta do estado da França, da Europa e da Espanha, logo depois do início da Revolução Francesa, antes de matarem o rei, quando se buscava estabelecer uma monarquia constitucional: “O estado da França é o de ter reduzido o papel do rei ao de um simples cidadão convertido no primeiro empregado a serviço da nação. Ter destruído a hierarquia eclesiástica e a nobreza, os brasões e as armas, os títulos e todas as distinções de honra. Ter proclamado [ele fala isso com horror] que todos os homens são iguais e que assim, até o mais infeliz dos artesãos, terá liberdade absoluta para falar, escrever e trabalhar como achar melhor. Em França, acabou tudo”. Essa é a visão da monarquia absolutista espanhola. Essa exposição é muito importante para que compreendamos de que reinado estamos tratando quando os países latino-americanos declaram as suas independências.

Luís XVI, nesse momento, é obrigado a jurar uma nova constituição, antes de o matarem. A Espanha não reconhece o juramento do rei francês à nova constituição feito antes de sua morte. Assim, os franceses declaram guerra à Espanha. Esta havia guerreado com a Inglaterra, ficando isolada no continente. Napoleão jura eliminar todas as cabeças reinantes da Europa, e logo volta sua atenção à Espanha. Conhecemos parte dessa história porque, depois de invadir a Espanha, Napoleão

¹A Revolução Francesa e a Revolução Americana são revoluções totalmente diferentes, praticamente antagônicas.

invadiu Portugal. Em 1808, fugindo das tropas napoleônicas, D. João VI veio para o Brasil. O rei da Espanha, tal qual D. João VI, tentou fazer um arranjo para viajar de última hora, mas não teve tempo suficiente. Nessa época, Carlos IV reinava na Espanha. Carlos IV acorda com Napoleão que irá abdicar em favor de seu filho, Fernando VII, o qual promoveria uma reforma aos modelos de uma monarquia constitucional, extinguindo a monarquia absolutista. No entanto, Fernando VII, para ser um bom filho, não aceita a abdicação de seu pai. Napoleão se aproveita dessa crise, em que Carlos IV cede a Coroa a seu filho, e este a devolve, para apreendê-los, levá-los à França e coroar, como rei da Espanha, seu irmão José Bonaparte.

Legitimidade e autogoverno

Neste momento, as colônias na América têm um problema de crise de legitimidade no governo. As pessoas começam a questionar onde estava o rei. Os vice-reis de Nova Espanha, de Nova Granada, do Vice-Reinado do Peru e do Vice-Reinado de La Plata respondiam diretamente para o rei. Fernando VII estava desaparecido. Os *crioulos* e o povo das colônias, na América, negam-se a prestar obediência a Napoleão e a José Bonaparte. Isso gera uma crise de legitimidade. Os países da América Latina, que já tinham influência de ideias da Revolução Americana, já tinham pedidos de abertura de portos e de mais liberdade econômica, já tinham comércio com Inglaterra, especialmente, às vezes, em forma de contrabando, começam a olhar para a Espanha e dizer: não podemos ser governados por José Bonaparte.

Por isso, os colonos fundam as *juntas de gobierno*, que são espalhadas pelo continente. A primeira é a junta do México, em 9 de agosto de 1808. Portanto, logo depois de Napoleão tomar a Espanha, há movimentos de verdadeiro autogoverno. Até o fim de 1810, mais de dez cidades, nas colônias, constituíram juntas de governo. Em Sevilha, criou-se uma junta suprema, que era comandada pelos independentistas, que não aceitavam o domínio francês. Essa junta teve de se mover dentro da Espanha, porque os espanhóis estavam perdendo espaço para os franceses. Ao ser atacada, a junta de Sevilha foi transferida para Aranjuez. Tempos depois, em 1810, pelo mesmo motivo, foi deslocada para Cádiz, onde se fixou.

Há um historiador que afirma, e eu concordo com ele, que ao passo em que a Revolução Americana aconteceu por excesso de presença do rei, as revoluções na América Latina aconteceram pela ausência de legitimidade do rei. Ou seja, devido à

ausência da pedra de toque do sistema político. Não era possível identificar onde estava a legitimidade e a doutrina dizia que, na ausência o rei, a soberania retornam ao povo.

Na Espanha, as cortes são convocadas, em Cádiz, para elaborar uma nova constituição esse é o início do liberalismo espanhol, um movimento de restrição do poder do rei. Os governos de Cádiz começam a pressionar a monarquia. Isso fez com que os próprios colonos latino-americanos deixassem de reconhecer o governo de Cádiz. Com isso, inicia-se, nesse momento, o verdadeiro movimento independentista. Em 1814, as cortes se reúnem e impõe a Fernando VII uma constituição. Este, entretanto, nega-se a aceitá-la. A Espanha tenta criar uma monarquia constitucional tardiamente. Esse foi um elemento fundamental: era tarde demais para o continente. A América não tinha tempo para esperar a Espanha fazer toda sua reforma, que estava só começando.

Rumo à independência

Se, entre 1808 e 1810, a ideia era ter juntas de autogoverno que governassem em nome de Fernando VII, que se encontrava aprisionado na França, neste momento, inicia-se um verdadeiro movimento independentista. Os colonos não queriam mais a monarquia que lhes seria imposta, pois aprenderam a se governar sozinhos. Assim, os colonos declaram que não devolverão ao Vice-Rei o poder que o povo tomou. Com isso, iniciam-se as declarações de independência, sendo a primeira a da Venezuela, em 5 de julho de 1811. Não na declaração de independência, mas logo no início, surge Simón Bolívar, o qual ainda estava no exército nesse momento. A Venezuela se declara independente e institui uma república. É seguida por Cartagena, na Colômbia e Quito. Até que, em 31 de janeiro de 1813, a junta do Vice-Reinado do Rio da Prata declara sua independência em relação à junta de Cádiz. No dia 9 de julho de 1816, as Províncias Unidas de La Plata, atual Argentina (sem o Uruguai), dissolvem qualquer aliança com a Coroa espanhola e declaram plena independência.

Ao contrário do que aconteceu no Brasil, em que a independência se deu com um aperto de mãos entre pai e filho, os países da América espanhola se tornaram independentes através da guerra. Foi preciso que lutassem.

As declarações de independência são feitas e os países da América Latina começam a elaborar suas constituições, a elegerem seus congressos. Esse, contudo, é um momento marcado pela guerra. Enquanto os Estados Unidos escreveram sua

constituição somente depois de terminarem sua guerra pela independência, os países da América Latina fizeram o processo político em meio à guerra. Fizeram um processo político atravessado. Sabemos do papel das elites *crioulas* e dos grandes líderes locais, que também eram líderes militares, especialmente na Argentina. Mas, em um primeiro momento, cada um desses Vice-Reinados declara independência.

Há duas figuras que são primordiais para compreender essa história. E são dois guerreiros. É curioso falar isso porque, nos Estados Unidos, o George Washington era o Comandante do exército e se tornou o Presidente. Ele foi Presidente por quatro anos, apenas um mandato, ao fim do qual declarou que era mais importante que a América aprendesse o processo de intercâmbio e de temporariedade do poder do que se manter por mais quatro anos como Presidente. Por isso, Washington não concorreu à eleição. Enquanto isso, Simón Bolívar foi eleito presidente vitalício do Peru e aceitou. Até hoje, vivemos resquício desse caudilhismo, desse autoritarismo. Hoje, em termos modernos, se usaria a palavra populismo. Essa figura messiânica do salvador da pátria. De certa forma, a guerra, no continente, terminou elevando os líderes militares à condição plena de líderes políticos. Nos Estados Unidos, isso foi mais separado.

Há um episódio importante da guerra argentina. As Províncias Unidas de La Plata, compostas pelo Vice-Reinado do Prata sem o território uruguaio, fazem a sua independência. Manuel Belgrano era comandante do exército do norte da Argentina, responsável por defender a Argentina especialmente dos exército da Espanha que vinham do alto Peru, ou seja, atacavam através do que hoje é a Bolívia. Belgrano começou a perder batalha após batalha até que, em algum momento, o presidente recém-eleito o substituiu por um jovem coronel chamado José de San Martín. San Martín assumiu os exércitos do norte e percebeu que não seria possível garantir, por muito tempo, a independência das Províncias Unidas de La Plata, enquanto houvesse domínios imperiais no continente. Por isso, San Martín forja um plano extraordinário, em termos de tática militar, para a tomada do Peru, na época, uma província riquíssima, grande centro de resistência espanhol, na qual chegavam armas e soldados e do qual saíam os exércitos. Ele monta um exército de cinco mil homens, formado por chilenos e, em sua maioria, argentinos, com 26 peças de artilharia, dez mil mulas e mil e seiscentos cavalos, a fim de cruzar a cordilheira dos Andes em quatro pontos e surpreender os espanhóis, que se encontravam do outro lado.

San Martín e a cruzada da independentista

Primeiro, San Martín se reuniu com alguns caciques mapuche e mentiu para eles sobre o local onde faria a travessia, pois sabia que eles transmitiriam essa informação incorreta aos espanhóis. Deste modo, o primeiro movimento é de contrainteligência. Depois, ele dividiu o seu exército em quatro grupos, ordenando que o menor deles começasse, de fato, a travessias nos pontos incorretos informados aos caciques mapuche. A maior parte do exército, da artilharia e dos cavalos, atravessou em um quinto ponto. San Martín cuidou toda essa expedição. Era uma expedição praticamente de alpinismo para atravessar os Andes a cavalo, carregando canhões. Imaginem o esforço necessário para fazer isso. Para se ter uma ideia, havia cerca de sete dias de atraso entre a vanguarda do exército e a retaguarda, tão lento e trabalhoso era cruzar os Andes. Na vanguarda, estava um coronel argentino, enquanto o centro da expedição era comandado pelo general Bernardo O'Higgins, hoje conhecido como libertador do Chile. San Martín ficou na retaguarda, para acompanhar toda expedição, pois queria ter certeza de que esta estava bem organizada para cruzar os Andes. Por isso, O'Higgins enviava cartas para San Martín, as quais são o melhor relato que se tem dessa travessia.

A estratégia funcionou. No dia 12 de janeiro de 1817, San Martín fez o primeiro falso movimento a fim de causar a divisão do exército espanhol ao longo do Chile. No dia 17 de janeiro, San Martín começou a sua travessia com a maior parte do exército. A chegada ao Chile ocorreu no dia 8 de fevereiro de 1817. Foram quase trinta dias de travessia. Os exércitos se reúnem no Chile, e, no dia 12 de fevereiro de 1817, exatamente um mês depois do início da travessia, acontece a batalha de Chacabuco, com a vitória de San Martín.

No dia 18 de fevereiro de 1817, realiza-se um *cabildo abierto*, que era uma reunião do povo para eleger seus líderes. Uma tradição, também vigente na Argentina. Os chilenos escolhem José de San Martín para ser o protetor do Chile. Contudo, ele se nega. Assim, recorrem à outra opção, escolhendo Bernardo O'Higgins, porque era chileno. San Martín entendeu que não poderia atacar o espírito de independência que os chilenos tinham em relação à Argentina. Até hoje, há uma relação conflituosa entre chilenos e Argentinos na Cordilheira dos Andes².

² Esquecemos que o Brasil é o único país que conquistou território de todos os seus vizinhos no continente.

Em 5 de abril de 1817, acontece a batalha de Maipú, a última batalha da independência do Chile. Nesse momento, como O'Higgins estava doente, não participou da batalha. Desta vez, é San Martín quem envia uma carta a O'Higgins, narrando a batalha. San Martín termina dizendo que se alcançou uma vitória total. *La patria es libre*. Haviam independizado o Chile. Isso era fundamental para poder atacar o maior centro espanhol no continente: o Peru.

Outro detalhe da história da expedição. Quando San Martín estava organizando os exércitos para cruzar os Andes, enviou uma carta para o então presidente da Argentina, solicitando suprimentos, comida para um mês, armas, sabres, canhões, rifles. O presidente da Argentina respondeu dizendo que o que queria era impossível. San Martín replicou que ele tinha razão, era impossível, mas era imprescindível, porque, sem tomar o Peru, a Argentina não se salvaria. O Presidente enviou os suprimentos solicitados.

É importante lembrar, igualmente, que San Martín governou o Peru, período durante o qual fundou uma sociedade patriótica e, como acreditava na monarquia constitucional, determinou que fosse elaborada uma constituição, cuja aprovação se deu por meio de uma votação. Percebam uma pequena contradição. San Martín acreditava tanto na monarquia constitucional que mandou à Europa um representante para que conseguisse um príncipe da Casa de Saxe-Corbugo-Gota, que é a atual família real inglesa, para que reinasse no continente. Ou seja, existe uma carta de San Martín, o libertador das Américas, pedindo um rei alemão para vir reinar sobre o Peru.

Depois de tomar o Chile, San Martín começou a organizar a expedição para tomada de Lima, fundamental para desarmar os exércitos imperiais no Peru. Em setembro de 1820, San Martín parte para Lima. Em janeiro de 1821, em um cercamento realizado à Lima, um importante regimento, chamado Numancia, deserta e se junta as suas tropas independentistas. Nesse momento, o Vice-Rei foge e San Martín toma Lima, libertando o Peru, onde de fato governou. San Martín estabeleceu a liberdade de comércio e de imprensa; expulsou e confiscou os bens dos espanhóis contrários à independência; mandou campanhas para explorar todo território; criou uma sociedade científica; escreveu uma carta constitucional. Quer dizer, iniciou efetivamente um governo de fato.

San Martín aceitou a posição de líder político e militar no Peru. Ele saiu de lá para seguir a norte. Então, recebeu uma carta de Antonio José de Sucre, da

Venezuela, solicitando que enviasse, para ele, o regimento Numancia, que havia sido tão importante na libertação de Quito. San Martín nega o pedido devido à importância desse regimento, encaminhando outros dois batalhões em seu lugar. Posteriormente, San Martín subiu até Guayaquil, onde se encontrou com Simón Bolívar. Bolívar vivia na Venezuela. Era um homem que nunca havia se destacado por sua inteligência e não era um sujeito estudado, tendo sido péssimo aluno. Não era tão iluminado quanto Francisco de Miranda. Em 1810, a Venezuela forma sua junta e se torna o primeiro país a declarar sua independência. Em 1812, Bolívar já era coronel do exército da república e entregou Francisco de Miranda, o libertador da Venezuela, para os espanhóis, por considerar que este incorreu em um ato de traição ao ter se rendido quando ainda poderia ganhar uma batalha. Entretanto, a rendição de Francisco de Miranda ocorreu em uma batalha que não conseguiria vencer. Rendeu-se para salvar a vida de seus homens. Foi por isso que Simón Bolívar o prendeu e entregou aos espanhóis. Em 1818, Bolívar terminou de libertar a Venezuela. Em 1821, foi eleito presidente, tendo como vice Santander. Bolívar tinha o sonho, a exemplo do que tinha acontecido nas colônias americanas, de várias nações reunidas em um grande novo país. Era a Grã-Colômbia, que seria a união de tudo que era, no período colonial, o reino de Nova Granada (sul do Panamá, Colômbia, Venezuela, um pedaço da Bolívia, e o Equador). Bolívar liberta a Venezuela e continua em direção aos oeste. Ele liberta a Colômbia e vai até o Equador onde, em 1822, se encontra com José de San Martín na cidade de Guayaquil. Nesse momento, Bolívar e San Martín conquistam o continente e conseguem a vitória final sobre os exércitos da Espanha.

Os destinos de San Martín e de Bolívar

San Martín tinha uma saúde debilitada e havia sofrido muito com a travessia dos Andes. Por isso, retornar para Argentina, levando consigo o sino que tocavam em Lima quando se iniciava o julgamento da inquisição e o estandarte de Pizarro, que era o estandarte do conquistador espanhol que tinha sido bordado a mão por Joana, a Louca. San Martín leva esses dois *recuerdos* como símbolo do fim do domínio espanhol no continente. Enquanto San Martín volta para Buenos Aires, Simón Bolívar assume, no Peru, primeiro a posição de ditador, em 1823, e, depois, a posição de presidente vitalício em 1826. Bolívar manda escrever uma constituição, na qual, um dos artigos, estipulava que se alguma parte da constituição fosse contrária à opinião de Simón Bolívar, deveria ser aplicada a opinião de Simón Bolívar. Isso era tudo

menos uma constituição. Esse é o conceito do que não é uma constituição, uma vez que a constituição é justamente aquilo que limita o poder do soberano.

Quando era comandante no Chile, San Martín havia recebido uma carta das Províncias Unidas de La Plata, ou seja, da Argentina, pedindo que voltasse, pois os federalistas estavam atacando o governo central. Eu fazia menção justamente a isso quando disse que esses países escreveram uma constituição e organizaram os países durante a guerra. Na Argentina, havia uma oposição ferrenha entre os que queriam o governo central em Buenos Aires e os que queriam uma federação, os federalistas. Os federalistas ganham seguidas batalhas contra os centralistas. Por isso, ao chegar em Buenos Aires, os centralistas querem julgá-lo por ter se negado a voltar e ajudar quando foi chamado. Com isso, San Martín descumpriu uma ordem do presidente. Em meio a essas circunstâncias, ele foge para a Europa, indo viver na França, onde fica servindo como uma espécie de patriarca da liberdade. San Martín recebeu a visita de Alberdi, uma figura central do liberalismo argentino, o qual escreveu a constituição de 1853. San Martín chega a voltar para Buenos Aires, também em uma batalha, mas não desembarca do navio. Ele retorna para a França e lá morre. Seus restos mortais foram trasladados para Buenos Aires, onde repousam em uma capela da Catedral de Buenos Aires.

Bolívar não teve um destino tão diferente. Ele também ficou doente e perdeu o poder. Em 1830, mudou-se para Santa Marta, na Colômbia, morrendo, em dezembro de 1830, neste país, a princípio, de tuberculose. Em 1831, dissolve-se seu sonho da Grã-Colômbia, com a independência do Panamá, da Colômbia, da Venezuela e do Equador. Nos anos 1830, o ciclo de independência é concluído, mais ou menos, com o continente tal como o conhecemos hoje, com a América espanhola dividida em vários países, ao passo em que a América portuguesa continuou sendo um só país, o Brasil. Metade do continente da América do Sul, em território e em população, em um só país chamado Brasil, enquanto a outra metade está dividida em outros tantos países.

Outro aspecto interessante de citar é que maçonaria teve papel fundamental na independência. Todos os grandes libertadores, como Francisco de Miranda, Bernardo O'Higgins, Belgrano e Bolívar eram maçons.

Os restos de Bolívar foram trasladados para Caracas. Há poucos anos, mais precisamente em 2010, o senhor presidente da república (então bolivariana) da Venezuela, Hugo Chávez, resolveu exumar os restos mortais de Simón Bolívar,

porque não acreditava que este havia morrido de tuberculose. Fizeram uma série de investigações científicas e concluíram que os restos mortais eram mesmo de Simón Bolívar, mas ele nunca havia sofrido de tuberculose. Portanto, a morte de Bolívar era um mistério. Como foi Chávez quem disse isso, eu acredito que Bolívar morreu de tuberculose, em um puro argumento de desautoridade.

Com isso, encerra-se o ciclo de independência.

Quero finalizar contando uma anedota, porque acho que expressa tanto esse ser argentino. É a anedota da fragata La Argentina e do Bouchard. Bouchard era um navegador francês, que ganhou, do Presidente da Argentina, uma carta de corso, tornando-se um corsário argentino, e uma missão. A missão dada a Bouchard foi subir para o norte da Argentina, pelo Pacífico, bombardeando todos os portos que tivessem a bandeira espanhola. Após fazer isso, ele deveria retornar com o reconhecimento, de algum país, da independência das Províncias Unidas de La Plata. Bouchard sai navegando e bombardeando todos os portos em que encontra a bandeira espanhola. Ele chega à Califórnia, onde encontra um forte espanhol vazio, com a bandeira da Espanha hasteada. Ele também bombardeia o forte. Percebendo que estava vazio, desceu, baixou a bandeira da Espanha e ergueu a bandeira da Argentina, declarando: conquistamos a Califórnia. Os espanhóis chegam e Bouchard foge para o oeste em sua fragata. Ele vai tão longe que acaba chegando no Havaí, onde é recebido pelo rei, Kamehameha II. Para cumprir a segunda parte da missão, Bouchard pede a este o reconhecimento das Provincias Unidas de La Plata. Para fazer isso, Kamehameha II impõe um preço altíssimo. Ele afirma que faz o reconhecimento desde que Bouchard lhe dê de presente o seu uniforme da Armada Argentina. Por isso, temos o retrato do rei Kamehameha II do Havaí que entrou para a história, em que veste o uniforme de almirante da armada argentina.



O aspecto liberal das independências

Ao fim e ao cabo, os movimentos de independência foram uma resistência ao absolutismo espanhol e às invasões napoleônicas. O que se fez depois, no continente, não pode ser chamado de liberalismo. Contudo, o que aconteceu naquela conjuntura de fatos é suficiente para que eu inclua o processo de independência dos países da América espanhola como um dos momentos mais marcantes da história do liberalismo.

Esse foi mais um momento de reflexão sobre a história da liberdade. Dessa vez, da independência dos países da América espanhola. Um processo muito diferente das independências brasileira e dos Estados Unidos, que nos auxilia a fechar um pouco essa visão do imaginário que temos sobre o que aconteceu nos séculos 1600, 1700 e 1800. Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França, do qual já falamos, e agora, também na Espanha e em suas colônias, ajuda-nos a ter uma ideia da transformação política que houve no mundo para que se produzir o que hoje nós chamamos de liberalismo.

PERGUNTAS

Pergunta: nos Estados Unidos tivemos o imposto sobre o chá. No Brasil, houve um imposto sobre o charque, uma certa tirania dos portugueses. Quais foram os elementos práticos que foram culminando para essas revoltas? E o que acontece de diferente em relação ao Brasil e aos Estados Unidos para que tenha se quebrado em pequenas republiquetas e não tenha se tornado um único e grande país?

Resposta: Há alguns elementos de comércio internacional ou de política econômica.

As revoltas regenciais, no Brasil, acontecem nesse período em que os outros países do continente estão todos lutando uma guerra de emancipação. No Rio Grande do Sul, durante a Revolução Farroupilha, houve um momento em que as Províncias Unidas de La Plata ofereceram apoio para a República Rio-Grandense em sua guerra contra o império do Brasil. Isso é uma das causas da disputa entre Bento Gonçalves, o presidente da República Rio-Grandense, e o Onofre Pires, segundo no comando. Bento Gonçalves queria aceitar a ajuda e Onofre Pires, não. Onofre Pires diz a célebre frase: “com o sangue do primeiro castelhano que atravessar a fronteira, eu assino o tratado de paz com o império”. Ou seja, declarou que preferia se entregar ao império do que aceitar a ajuda dos castelhanos. Foram duzentos anos de luta demarcando fronteira, isso deixa cicatrizes. Nessa ocasião, ele também afirmou que Bento Gonçalves tinha uma amante uruguaia. Isso feriu a honra de Bento Gonçalves. Os dois lutam um duelo e Bento Gonçalves termina matando Onofre Pires.

Assim como houve o imposto do charque na Revolução Farroupilha, o elemento nos países da América espanhola é o bloqueio continental francês com a vitória de Napoleão. Primeiro, a Espanha, em guerra com a Inglaterra, sofria dificuldades de comércio com as suas próprias colônias. Por outro lado, desde 1580, a Inglaterra era a maior armada, a maior força naval. Ela se tornou a maior frota naval com a derrota da Armada Espanhola, a armada invencível, que foi a maior frota do século 16, feita para atacar a Inglaterra. A armada invencível chegou na Inglaterra e seus tripulantes não conseguiram desembarcar. Resolveram dar a volta na Inglaterra. Nesse percurso, metade dos navios afundou. Ou seja, a armada invencível foi vencida pelo vento. O segundo elemento foi o bloqueio continental estabelecido depois da Revolução Francesa. Napoleão e a Inglaterra travaram bloqueios para o comércio da Espanha com as suas colônias. A Espanha vivia em guerra com a Inglaterra desde a

Revolução Americana e não tinha uma indústria organizada. Era um país agrário. Sua maior produção era de lã. Todos os bens de luxo de consumo iam da França para a Espanha e desta para as colônias. Com a guerra entre Espanha e França, os países da América passaram a comerciar com a Inglaterra, gerando um desapego da dominação espanhola. Até então, o máximo de liberdade de comércio que a Espanha tinha concebido havia sido descentralizar o comércio com as colônias que antes vinha somente de Sevilha e que passou a chegar de outras localidades espanholas. Ou seja, o comércio permanecia sendo feito exclusivamente com a metrópole, embora realizado com outras partes da Espanha. Isso era o máximo de liberdade de comércio que a Espanha tinha permitido. Quando se estabelece a guerra entre Espanha e França, existe uma dificuldade de obter bens industrializados nas colônias. Isso contribui muito para o pensamento independentista. Mas ressalto, de novo: ao contrário da Revolução Americana, que ocorreu por excesso de mão pesada do rei, os espanhóis do continente estavam acostumados com essa mão pesada. Afinal, estavam acostumados com o governo absolutista. Foi a ausência da legitimidade daquele poder pesado que os levou à revolta. O que, sim, importou muito, e que sempre foi um tema importante, foi o movimento de Carlos III de proibir que os *crioulos* ocupassem as mais altas posições de burocracia. Deste modo, é um problema de acesso à burocracia, mais do que resistência à tirania. Essa era a maior queixa da elite da América espanhola: não ter acesso às posições burocráticas. Isso nunca foi um problema nas colônias norte-americanas, pois sempre experimentaram esse acesso. O que houve de *without representation* se passou quando houve a formação do sistema de juntas em 1810, depois da invasão napoleônica. A junta de Sevilha permitiu que as juntas América enviassem algum representa. Só que isso era uma tremenda subrepresentação. Por isso eu disse que era tarde demais, naquele momento, para começar um movimento de representação parlamentar, inexistente até então na Espanha. Fernando VII estava preso e Napoleão já havia invadido a Espanha quando o autogoverno de Sevilha - que se mudou para Aranjuez e depois para Cádiz - pediu que os colonos americanos enviassem um representante. A resposta das juntas existentes nas colônias foi: somente um representante para cada vice-reinado? Esse foi um elemento importante na transformação desse movimento das juntas de representação popular em um movimento independentista.

Quanto à questão da grande fragmentação, na verdade, nunca houve integração. Um primeiro elemento é que havia pouco comércio entre as partes do

reino e os vice-reinados estabeleciam pouca comunicação entre si. Um segundo elemento é a característica do imenso espaço geográfico em comparação com as treze colônias americanas, que não eram compostas pelos Estados Unidos tal como o conhecemos hoje. As treze colônias eram formadas por um pedacinho da costa leste americana, que apresentavam muita identidade e partilha de aspectos em comum entre si. No caso da América espanhola, um argentino pouco tinha a ver com um panamenho ou com um cubano. Há, também, uma diferença de espaço geográfico muito grande, que dificultava a existência de um governo forte e central que o reunisse. Além disso, tem a própria ausência de tradição democrática, que dificultava a ideia de um congresso. Bolívar chegou a convocar o congresso da Grã-Colômbia.

O Brasil, quando surgiu, era uma franja de costa. Claro que, posteriormente, conquistou o continente, mas era uma franja de costa, que teve um governo central no seu território. O Brasil nasceu com a chegada de D. João VI em 1808. Antes disso, em 1700, o Brasil era um proto-Brasil. As colônias espanholas tinham um desenvolvimento muito avançado em relação ao que tinha o Brasil antes da chegada da família real. Basta ver que Buenos Aires, Quito, Lima, Santiago, Cartagena, tinham imprensa. Tinham jornais. A batalha intelectual da revolução acontece tal qual nos Estados Unidos, com distribuição de panfletos. Havia uma intelectualidade. Em 1811, na independência da Venezuela, há um jornal. A primeira prensa chega no Brasil no navio de D. João. O momento histórico era muito diferente. O Brasil foi, de fato, reinado de dentro do seu território por um único monarca. Os vice-reinados da Espanha, embora todos tivessem um único soberano na Espanha, tinham os vice-reis. Ninguém nunca tinha visto o rei da Espanha e nem tinha a expectativa de ver. Conheciam os quatro vice-reis. E mais as capitânicas hereditárias, que tinham seu certo grau de independência. Isso tudo contribuiu para que a América espanhola se fragmentasse em diversos países, ao passo que o Brasil se manteve unido. E os Estados Unidos que nunca foram unidos, uniu-se. Esse é um movimento contrário muito interessante.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

ELLIOTT, John. Empires of the Atlantic World. *Britain and Spain in America 1492-1830*.

HARVEY, Robert. Los Libertadores. *La lucha por la independencia de America Latina 1919-1930*.

MAXIMO, Guillermo. San Martín y el cruce de los Andes.

PIGNA, Felipe³. Manuel Belgrano.

SABINO, Carlos. El amanecer de la libertad. *La independencia de America Latina*.

³ Atenção: esse é um historiador moderno, com um tanto de esquerdismo. O bom leitor precisa filtrar o livro que, afora isso, é espetacular.